PRIMEIROS ORGANISTAS DA CATEDRAL DE MARIANA

Paulo CASTAGNA*

CASTAGNA, Paulo. Primeiros organistas da Catedral de Mariana. *Caixa Expressiva*, Piracicaba, ano 5, n.10, p.20-21, dez. 2001. ISSN 1519-4345

1. Introdução

Apesar do reconhecido valor histórico e estético do órgão da Catedral de Mariana (MG), ainda é pequena a quantidade de trabalhos publicados sobre o mesmo. Dentre os textos que se constituem em referências sobre esse instrumento, estão os estudos históricos realizados por MORAIS (1975, p.30-33 e 1979) e os trabalhos de FERREIRA (1980, 1984 e 1991), principalmente dedicados às suas particularidades técnicas. Também podem ser citadas as publicações de MENEZES (1984), KERR e FREIXO (1983), REZENDE FONSECA (1987) e FREIXO (1999), além de notícias de divulgação (O ÓRGÃO, 1975 e 1986). A comunicação recentemente apresentada em Lisboa por DODERER (2000), no qual o pesquisador questiona a idéia já estabelecida de que esse órgão fora construído por Arp Schnitger em 1701 evidencia, no mínimo, a necessidade de publicação de novas pesquisas sobre o mesmo.

O estudo dos organistas que atuaram junto a esse instrumento também foi pouco desenvolvido até agora, mas poderá revelar aspectos importantes ligados à prática musical em Mariana. O presente trabalho, voltado justamente a este assunto, representa parte de uma pesquisa que está sendo desenvolvida com Bolsa Vitae de Artes, a qual inclui o levantamento dos organistas que atuaram na Catedral, pela consulta dos Livros do Registro Geral do Bispado de Mariana (LRG), preservados no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

2. Os organistas

Embora o Bispado de Mariana tenha sido desmembrado do Bispado do Rio de Janeiro em 6 de dezembro de 1745 (pela Bula *Candor Lucis æternæ*, de Bento XIV), o alvará de ereção da Catedral foi emitido pelo rei D. João V somente em 2 de maio de 1747, no qual já foram explicitados os cargos que deveriam ser ocupados: "*Eu, El Rey,* [...] *hei por bem criar e erigir de novo catedral na cidade de Mariana, e que nela hajam* [...] *doze capelães, um mestre de cerimônias, quatro moços do coro, um sacristão, um mestre da capela, um organista* [...]" (TRINDADE, 1953, v.1, p.299).

Pela Carta Régia de 28 de novembro de 1750, D. João V determinou que, em uma das tribunas da Catedral, "*se havia de assentar o órgão, para o que se havia de fazer uma varanda*". A morte do rei acabou retardando a remessa do instrumento, concluída pelo seu sucessor, D. José I. Após um longo processo, que incluiu seu transporte e assentamento na catedral, o órgão foi inaugurado em 2 de julho de 1753 (MORAIS, 1979, p.16), tendo sido utilizado nas cerimônias catedralícias quase ininterruptamente até 8 de dezembro de 1937 (RODRIGUES, 1981).

De acordo com MORAIS (1979, p.16), auxiliaram na instalação do órgão, dirigida por Manuel Francisco Lisboa, "*o mestre de capela padre Gregório dos Reis Melo, o organista padre Manuel da Costa Dantas e o chantre Alexandre Nunes Cardoso*".

* Instituto de Artes da UNESP - Universidade Estadual Paulista.

MORAIS mencionou esses nomes por terem sido os primeiros provisionados em tais cargos, e cujos nomes foram inicialmente citados no *Áureo trono episcopal* (Lisboa: Miguel Manescal da Costa, 1749), mas divulgados por outros autores, como TRINDADE (1953, v.1, p.301).

Gregório dos Reis e Melo, entretanto, não se encontrava em Mariana nessa época: havia se transferido em 1750 para a Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará (hoje apenas Sabará - MG), onde atuou como mestre da capela na Matriz até pelo menos 1754. Alexandre Nunes Cardoso era, de fato, o Chantre da Catedral em 1753, mas essa ocupação não estava mais ligada à direção musical, no século XVIII. Quanto ao organista, MORAIS pode ter acertado sem querer...

O primeiro organista da Catedral de Mariana foi o Pe. Manuel da Costa Dantas: sua provisão para essa ocupação foi registrada em 17 de dezembro de 1748, juntamente com uma outra para capelão da mesma igreja (LRG, 1748-1750 v.1, f.88v). O segundo foi o tonsurado Francisco Pires da Silva, cuja provisão foi registrada em 16 de janeiro de 1750 (LRG, 1748-1750 v.2, f.215v).

Sobre a origem de Manuel da Costa Dantas (c.1714-c.1784), pouco se sabe até o momento: deve ter recebido suas ordens em outro Bispado e pode nem ter nascido no Brasil. Francisco Pires da Silva (c.1730-c.1795), por sua vez, era natural da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Guarapiranga (hoje Piranga - MG), filho legítimo de Miguel Pires da Silva e Ana Cabral, ambos naturais e batizados na Vila de Santa Cruz de Ubatuba (hoje simplesmente Ubatuba - SP) (LRG, 1750-1752, f.105v).

Francisco Pires da Silva, no entanto, recebeu Carta de Ordens em 30 de dezembro de 1751 (LRG, 1750-1752, f.155v), provavelmente abandonando a atuação como organista. No ano seguinte começou a usar suas ordens e, de 1768 em diante, foi capelão da Capela de Santo Antônio do Bacalhau (na Freguesia de Guarapiranga, onde nasceu), desaparecendo da documentação eclesiástica depois de 1784.

Embora não tenha sido encontrada outra provisão para organista da catedral entre 1751-1755, é provável que Manuel da Costa Dantas tenha retornado ao cargo, haja visto que, entre 1750-1753, esse músico acumulou diferentes funções musicais, como as de mestre da capela e subchantre da Catedral de Mariana, e mestre da capela da Comarca de Vila Rica (hoje Ouro Preto - MG). Tais provisões eram emitidas com a duração de um ano e com direito à renovação, mas nem sempre é possível localizar seus registros, sendo também viável a hipótese de que organistas e mestres da capela, em casos excepcionais, continuassem a trabalhar na Catedral após o vencimento de suas provisões.

O maior indício dessa possibilidade encontra-se na provisão de Manuel Coelho Leão para mestre da capela da Catedral de Mariana, registrada em 10 de setembro de 1756 (LRG, 1750-1759, f.1r). Infelizmente, as primeiras linhas desse documento encontram-se corroídas no Livro do Registro Geral, mas o texto menciona o mestre da capela antecessor, informando que o mesmo acumulava também as ocupações de capelão, subchantre e organista da Catedral, "*ocupações incompatíveis com a do mestrado da capela*".

Assim, é muito provável que Manuel da Costa Dantas tenha sido mesmo o organista que acompanhou na Catedral, em 1753, a instalação do órgão enviado por D. José I. Mas as provisões acima mencionadas também sugerem que, antes dessa data, já existisse um na Catedral órgão menor, o qual pode ter sido transferido para outra igreja, desmontado ou até mesmo inutilizado.

O fato é que, se o manuseio do pequeno órgão era suficientemente simples para que o organista se dedicasse também às ocupações de capelão, subchantre e mestre da capela de duas comarcas diferentes, esse acúmulo tornou-se um problema após a chegada do grande e complexo instrumento vindo de Portugal. Por outro lado, a prática musi

cal na Catedral de Mariana deve ter estado tão associada à presença desse órgão, que, na segunda metade do século XVIII, quase todos os organistas também atuaram como mestres da capela.

Em 1754, Manuel da Costa Dantas já usava suas ordens, e pode ter abandonado definitivamente sua atuação musical já em 1757. Três anos mais tarde aparece no Arraial do Tejuco (hoje Diamantina - MG), como capelão da Capela de Santo Antônio (LRG, 1759-1761, f.96v), provavelmente não retornando mais a Mariana. São desconhecidas notícias sobre suas atividades eclesiásticas após o ano de 1783.

Com isso, Manuel Coelho Leão, que em 1756 já era mestre da capela, assumiu a ocupação de organista da Catedral em 26 de setembro de 1757, sendo essa a primeira provisão para tal cargo registrada na íntegra nos Livros do Registro Geral do Bispado de Mariana (LRG, 1757-1759, f.63r):

> Em 26 de setembro de 1757 se registrou uma provisão a favor de Manoel Coelho Leão para organista da Catedral desta cidade, cujo teor é o seguinte:
>
> Dom Frei Manuel da Cruz, etc. Fazemos saber que, atendendo nós ao que por sua petição retro nos enviou a dizer Manuel Coelho Leão, Mestre da Capela da nossa Catedral, e por nos constar de sua capacidade e suficiência, havemos por bem de o nomear e prover pela presente nossa provisão, por tempo de um ano, se antes não mandarmos o contrário, em a ocupação de organista da nossa Sé Catedral, cujas obrigações exercitará com a devida prontidão, como dele esperamos, tangendo o órgão todos os dias se necessário for, e com a dita ocupação gozará de todas as honras e proeminências que por razão dela lhe forem devidas, como também haverá a côngrua consignada, prós e percalços que licitamente lhe tocarem, e mandamos a todos os nossos súditos por tal o reconheçam, e por firmeza de tudo mandamos passar a presente nossa provisão, que se cumprirá tão inteiramente como nela se contém que será registrada no Livro do Registro Geral. Dada e passada neste nosso Palácio Episcopal da cidade Mariana, sob nosso sinal, chancelaria e selo de nossas armas, aos 26 de setembro de 1757. E eu Antônio Monteiro de Noronha, Escrivão Ajudante da Câmara Episcopal, que a escrevi. Estava a rubrica de Sua Excelência Reverendíssima. No lugar do selo. Monteiro - 1$612½

Manuel Coelho Leão (c.1735-c.1794) recebeu várias provisões consecutivas para organista da catedral, a última registrada em 15 de dezembro de 1792 (LRG, 1792-1794 v.1, f.123v). Embora tenha cedido lugar a outros músicos entre 1780-1783 e 1790-1792, foi o mais atuante organista e mestre da capela da Catedral de Mariana entre 1757-1793, lamentando-se o fato de não serem conhecidas composições suas nos arquivos musicais mineiros.

Homem branco, "*natural e batizado na Freguesia do Recife, Bispado de Pernambuco*", Coelho Leão recebeu Sentença de Habilitação *de genere* em 31 de agosto de 1756 (LRG, 1756, f. 38r), antes mesmo de se tornar mestre da capela e organista. Mas, ao contrário de seus antecessores, não solicitou provisões para uso de ordens, se é que as recebeu, dedicando-se quase exclusivamente às funções musicais da Catedral. Sua última aparição até agora conhecida na documentação mineira foi como testemunha em um processo de 1793, no qual sua assinatura trêmula já evidencia a idade avançada.

3. Conclusões

As diferenças observadas na atuação dos três primeiros organistas da Catedral de Mariana demonstram que, antes da instalação do grande órgão, em 1753, as ocupações de organista e mestre da capela eram pouco mais que um dos estágios da carreira eclesiástica, situação visivelmente diversa no caso de Manuel Coelho Leão, cuja atuação foi essencialmente musical.

Paralelamente, também são escassas as notícias sobre a efetiva utilização musical do órgão na Catedral durante a segunda metade do século XVIII. Por esse motivo, seria interessante a revisão das informações divulgadas por MORAIS (1975, p.30-33 e 1979) a respeito do repertório musical que teria circulado nessa igreja, como também a realização de novos estudos que pudessem esclarecer outros aspectos históricos relacionados ao importante instrumento da Catedral de Mariana

4. Bibliografia

DODERER, Gerhard: Relações musicais luso-brasileiras do século XVIII: dois casos particulares. COLÓQUIO INTERNACIONAL “A MÚSICA NO BRASIL COLONIAL”, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 9-11 out. 2000. *Anais*. (no prelo)

FERREIRA, Marcello Martiniano. Arp Schnitger: dois órgãos congêneres de 1701. Roma, Tese de Doutoramento, 1984. 2v.

FERREIRA, Marcello Martiniano. *Arp Schnitger: dois órgãos congêneres de 1701: suas destinações atuais e características técnicas*. Niteroi: Edição Particular (Zoomgraf-K), 1991. XII, 459p.

FERREIRA, Marcello Martiniano. O órgão de Mariana. *O Arquidiocesano*, Mariana, ano 22, n.1097, 21 set. 1980, p.1-4.

FREIXO, Elisa. O órgão tubular colonial brasileiro. II SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE MUSICOLOGIA, Curitiba, 21-25 jan. 1998. *Anais*. Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, 1999. p.127-134.

KERR, Dorotéa Machado e FREIXO, Elisa. O órgão no Brasil. *Jornal da Música*, São Paulo, v.6, n.39, p. 5, jul./ago. 1983.

MENEZES, Ivo Porto de. O órgão da Catedral da Sé. *O Arquidiocesano*, Mariana, ano 26, n.1318, 16 dez. 1984, p.3-4.

MORAIS, Geraldo Dutra de. *Música barroca mineira*; prefácio de Márcio Antônio da Fonseca e Silva. São Paulo: Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo: 1975. 64p.

MORAIS, Geraldo Dutra de. O órgão da catedral de Mariana. *Suplemento Cultural*, São Paulo: v.3, n. 138, p.16, jun. 1979.

O ÓRGÃO da Catedral de Mariana. *Jornal da Música*, São Paulo, ano 8, n.46, p.3, 1986.

O ÓRGÃO da Sé de Mariana. *O Arquidiocesano*, Mariana, ano 16, n.811, 30 mar. 1975, p.4

REZENDE FONSECA, Maria da Conceição. O órgão da catedral de Mariana. II ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA, São João del Rei, 4-8 dez. 1985. *Anais*. Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 1987. p.63-65.

RODRIGUES, Flávio Carneiro. O último dia em que o órgão da Sé funcionou: memórias do “Mestre Vicente”. *O Arquidiocesano*, Mariana, ano 22, n.1112, 4 jan. 1981, p.3.

TRINDADE, Raimundo. *Arquidiocese de Mariana*: subsídios para sua história. 2 ed., Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1953-1955. 2 v.